



Fonógrafo Pathé "Jour et Nuit", França, 1905

## Primeiros a dar música

*Já passou por Palmela e em Outubro último esteve no antigo espaço da FII, em Lisboa. Trata-se de uma conjunto de instrumentos de música mecânica reunido por um colecionador. Começaram a jorrar melodias em finais do séc. XVIII e hoje continuam a dar músicas que há muito se julgavam adormecidas na memória.*

**Manuela Garcia**

**D**e um lado e do outro da sala há caixas mágicas que nos transportam aos ambientes do fim do século XVIII, a uma sala de chá, um salão de baile ou até mesmo um cabaret.

De um lado, os fonógrafos e os gramofones, que exigem uma pré-gravação

da voz e dos instrumentos musicais para depois os poderem difundir. É aqui que está uma cópia do Tin-foil, uma relíquia de 1879, de origem francesa. Este fonógrafo de metal, ferro e madeira foi o primeiro instrumento capaz de registar a voz humana e de a reproduzir — uma invenção de Thomas Edison, de 1877. Mais tarde, haveriam de surgir os

gramofones. E aqui há alguns belos exemplares: grandes, de viagem ou mesmo de crianças. Salta à vista pela beleza o Écophone Pathé "jour et nuit", de origem francesa, e datado de 1905. É um gramofone dotado de dois braços que lê em simultâneo a mesma estria do mesmo disco (o que provocava um ligeiro eco), de dia as duas exuberantes

campânulas emitiam um som com mais potência, já que utiliza as duas caixas de ressonância mais as duas campânulas. À noite, para ambientes de maior recato, retirava-se o par de campânulas e apenas as caixas de ressonância emitiam um som mais discreto.

Do outro lado, as pianolas, o realejo, o órgão e outros instrumentos pneumáticos – os chamados instrumentos mecânicos, os que emanam um som deles próprios. É aqui que sobressai o "Limonaire Frères", um instrumento do ano 1900, com cerca de um 1,60 metros de altura. Feito em madeira, metal, couro e borracha, solta uma melodia ritmada onde os pratos, o tambor e um som de órgão brutam como se músicos invisíveis tudo accionassem. A bela decoração das madeiras e o ar majestoso fizeram dele imagem de capa do primeiro CD de instrumentos de música mecânica que reproduz os sons destes e de outros instrumentos da colecção agora exposta – organizado propositalmente para esta mostra.

### O colecionador

Luís Canguero tinha cerca de seis ou sete anos quando destruiu a sua primeira caixa de música Ariston. O gosto pela música haveria de se manter pela vida fora: quer na faculdade, quer mais tarde já na vida profissional. E, há cerca de 30 anos, comprou a primeira grãfolo, igual à que animou os primeiros bailes da sua juventude. Depois, foi comprando mais outra peça e mais outro instrumento de música mecânica e, afiança, "descobri que era um mundo desconhecido e fascinante; em Portugal ninguém conhecia este tipo de instrumentos". São aquisições feitas em feiras de antiguidades, normalmente em França.

Há dois anos decidiu abrir um espaço onde pudesse ter em exposição

parte deste material, maioritariamente de finais do séc. XIX. Contactou a Câmara Municipal de Palmela de modo a permitir a alteração do plano de pormenor de um imóvel que possui junto a Póvoa Novo, no lugar de Arraiados. É nessa quinta que vai ser alargado um armazém que se irá transformar em Casa da Música Mecânica – o nome ainda não está escolhido em definitivo, apenas se sabe que será um pólo museológico a integrar, inicialmente, o roteiro municipal de Palmela.

Este novo equipamento vai estar dotado de um local expositivo com centena e meia de peças à vista do público, cerca de um terço do total do acervo. Haverá ainda lugar para um centro de documentação, onde o visitante poderá consultar bibliografia sobre este tema, cerca de 100 obras que Luís Canguero já reuniu e continua a adquirir.

Dentro deste conjunto há uma colecção de postais e de recortes de jornais, de entre 1900 e 1906. Chegaram às suas mãos através de uma mala que comprou "quase a peso" em França. Esta possuía 80 postais circulados, com instrumentos musicais daquela época. Noutras feiras e leilões em que participou já viu "milhares de postais, mas nunca mais encontrei nenhum do género", confessa, e justifica com orgulho: "tenho de facto coisas fantásticas, não de grande qualidade mas *sui generis*, porque ninguém tem igual, são raridades".

E enquanto vai mostrando os instrumentos de música mecânica que trouxe até ao espaço da antiga FIL, em Santos – Lisboa, Luís Canguero conta ainda que está a escrever uma

Gramofone Figuraphone, Alemanha, 1920



obra onde pontuam as histórias e as fotografias de cada peça pertencente à colecção – o lançamento está prometido para coincidir com a abertura do pólo museológico. À disposição de todos está já um CD com reprodução de 37 músicas e de igual número de instrumentos do acervo. Tem por título "Instrumentos de música mecânica – sons de ver, ouvir e sentir".

Enquanto o espaço museológico não abre portas, o colecionador, adianta, "vou comprando peças a necessitar de restauro – pois saem mais baratas", ou então "trocando algumas para conferir mais qualidade ao acervo". Quanto a outras exposições como esta que ocupou o antigo espaço da FIL, até 20 de Outubro, nem sempre acede porque receia danificar os instrumentos no transporte e na própria instalação, embora acabe por confessar "o meu gosto era pegat na colecção e nunca parar". □

